



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO**

**BRUNNA INEZ MENDONÇA E SILVA
VINÍCIUS TRINDADE DA COSTA**

**FALA PRETA:
MULHERES QUE CONSTROEM O AMAPÁ**



MACAPÁ
2025

FALA PRETA:
MULHERES QUE CONSTROEM O AMAPÁ

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Lylian Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 0017/O

- S586f Silva, Brunna Inez Mendonça e
Fala Preta: mulheres que constroem o Amapá [recurso eletrônico] / Brunna Inez Mendonça Silva;
Vinícius Trindade da Costa - Macapá, 2025.
40 f.
- Orientadora: Lylian Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso - Relatório de Projeto Experimental (Graduação) - Universidade
Federal do Amapá – UNIFAP, Departamento de Letras e Artes, Curso de Jornalismo. 2025.
- Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
1. Mulheres negras - Brasil. 2. Jornalismo documental. 3. Memórias-Amapá I. Lylian Rodrigues,
orientadora. II. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. III. Título.

CDD 23. ed. – 305.4882981



MACAPÁ
2025

FALA PRETA:
MULHERES QUE CONSTROEM O AMAPÁ

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Data da aprovação:

Dia / mês / ano

Banca Examinadora

Orientadora

Profª Drª Lylian Rodrigues

Universidade Federal do Amapá

Avaliador

Avaliador



DEDICATÓRIA

Dedicamos a todas as mulheres negras do Amapá.

Eu, Brunna Silva, dedico este trabalho à minha avó Olívia Brito, uma mulher negra, que sempre me apoiou em todos meus passos, principalmente nos estudos, e tenho certeza que está vibrando comigo neste momento. Quisera eu ter tido a oportunidade e a honra de entrevistá-la para salvaguardar sua memória.

Eu, Vinícius, dedico este trabalho à minha avó, Ana Raquel Oliveira da Costa Possas, minha maior referência de vida e de formação. Mulher negra, que construiu sua trajetória a partir da educação, formou-se em Matemática pela UFPA e se tornou professora efetiva e pró-reitora da Universidade Federal do Amapá, onde hoje me formo. Foi na Unifap que ela se dedicou à formação de professores, à educação ambiental e à valorização dos saberes da Amazônia, acreditando que a educação poderia transformar vidas — como transformou a dela e a da nossa família. Tenho certeza de que ela estaria muito feliz em me ver aqui, concluindo esse ciclo que, no fundo, também carrega o legado dela.



AGRADECIMENTOS

Não temos dúvida de que a comunicação mudou as nossas vidas de uns anos para cá. Nós dois vivenciamos outra academia, mas foi o jornalismo que nos escolheu. Entrar neste curso, especialmente na UNIFAP, é um sonho para quem deseja comunicar com excelência. É claro que o caminho percorrido foi difícil, mas chegar neste momento com a sensação de que cumprimos nossa passagem como discentes é valioso.

Ao olhar para essa jornada de longos anos, agradecemos a todos que contribuíram para que este momento se tornasse possível. Primeiramente, agradecemos a Deus, por nos manter firmes até aqui. Agradecemos aos nossos familiares por toda a paciência e cuidado ao longo dos anos de academia, mas principalmente por continuarem acreditando nesse sonho possível da graduação. Nós conseguimos — e vocês sabem que essa vitória também é de vocês.

Agradecemos ao Colegiado de Jornalismo por não medir esforços para contribuir com a nossa formação. Em especial, à nossa orientadora, professora Lylian Rodrigues, por nos incentivar e apoiar em todos os momentos, mas, principalmente, por acreditar na nossa capacidade e continuar nos impulsionando a alçar voos mais altos.

Também agradecemos aos nossos amigos de curso, em especial àqueles que vibraram com a gente nesta reta final.

Agradecemos aos nossos trabalhos e aos colegas de trabalho que compreenderam as ausências e distrações neste período.

Agradecemos ao Camilo Panzera, um grande amigo, que nos apoiou com as imagens de drone da nossa vinheta.

E este agradecimento não estaria completo sem expressar nossa gratidão às entrevistadas. Esmeraldina, Durica e Alzira, muito obrigado por compartilharem suas histórias conosco. Saibam que vocês nos engrandeceram com suas memórias.



RESUMO

Este projeto documenta as histórias de mulheres negras do Amapá por meio de uma websérie documental. Utilizando entrevistas em profundidade e o jornalismo documental para contar a história de mulheres negras que ajudam a construir o Amapá com suas lutas individuais que se tornam coletivas diante do seu território e do seu povo. A websérie documental busca contribuir com a memória de um povo e estimular reflexões sobre o lugar que as mulheres negras ocupam na sociedade. Como trabalho acadêmico, reforça o papel do jornalismo na valorização dessas narrativas e na construção de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Jornalismo, Websérie Documental, Memórias, Amapá.



ABSTRACT

This project documents the stories of Black women from Amapá through a documentary web series. It uses in-depth interviews and documentary journalism to narrate the experiences of Black women who help shape Amapá through individual struggles that become collective in relation to their land and their people. The web series aims to contribute to the collective memory of a people and to foster reflections on the role Black women occupy in society. As an academic work, it reinforces the role of journalism in valuing these narratives and in building a more just society.

Keywords: Black Women, Journalism, Documentary Web Series, Memories, Amapá



LISTA DE SIGLAS

AGCOM	Agência Experimental de Comunicação
AMNB	Articulação de Mulheres Negras Brasileiras
CEDIMAP	Conselho Estadual dos Direitos das Mulheres do Amapá
CUFA	Central Única das Favelas
IMENA	Instituto de Mulheres Negras do Amapá
UNB	Universidade de Brasília
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
TV Senado	Televisão do Senado Federal
DJI	Da-Jiang Innovations
iPhone	Smartphone da Apple utilizado na gravação
LED	Light Emitting Diode (Diodo Emissor de Luz)
YouTube	Plataforma de vídeos online
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Mulheres Negras e Resistência Histórica pela Inclusão.....	14
2.2 Jornalismo Documental e Representatividade.....	16
2.3 Websérie para Redes Sociais para Memória Coletiva.....	18
3 METODOLOGIA.....	20
3.1 Pesquisa Bibliográfica.....	20
3.2 Entrevista em Profundidade.....	21
3.3 Produção Audiovisual e Recursos Técnicos.....	23
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	26
4.1 Síntese dos Episódios.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33



INTRODUÇÃO

"Fala Preta: MULHERES QUE CONSTROEM O AMAPÁ" é um Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de Projeto Experimental, realizado por meio de técnicas do jornalismo para a web e da produção audiovisual para as redes sociais, dedicado às trajetórias de mulheres negras contemporâneas do Amapá. O trabalho foi produzido no contexto da convergência midiática, explorando um jornalismo multimídia integrando vídeos, links em diferentes plataformas digitais, interatividade com o público pelas redes sociais e uma narrativa nativa digital da websérie documental, com a proposta de levar informação ao público a partir de uma nova linguagem audiovisual, dialogando com a internet e suas ferramentas de produção, difusão e interação (Souza, 2022). Utilizamos do método da entrevista aprofundada como um processo de diálogo, no qual entrevistador e entrevistado constroem conjuntamente o conhecimento, indo além da simples coleta de informações. (Medina, 2011) e o formato de websérie (Machado, 2011) para alcançar o objetivo de evidenciar histórias que contribuam para a preservação da memória coletiva e a valorização da identidade afro-amapaense construída na luta política de gênero, contada por lideranças femininas. Trata-se de um esforço para destacar vozes frequentemente sub-representadas, enfrentando a lacuna histórica e social existente na documentação dessas narrativas.

Inspiramo-nos com as temporadas anteriores da websérie Fala Preta, desenvolvidas pela AGCOM (Agência Experimental de Comunicação), projeto de extensão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Assim, deixamos também nossa contribuição ao projeto e ao curso de Jornalismo.

A primeira temporada (2021) destacou a potência da vida de mulheres negras locais, celebrando suas histórias e conquistas na educação – seja no ensino, na pesquisa ou na trajetória acadêmica –, em diálogo com outros aspectos de suas vidas, como religiosidade, cultura e família. Já a segunda edição (2022) abordou a sub-representação de mulheres negras no espaço político – partidos, casas legislativas e demais instâncias institucionais –, discutindo os desafios enfrentados por candidatas negras nas eleições estaduais e federais.

Nesta terceira temporada, desenvolvida como parte deste projeto experimental, o foco está nas contribuições sociais, culturais e históricas de mulheres negras contemporâneas para o movimento político de gênero no Amapá. Reconhecemos que são muitas as mulheres que constroem essa trajetória, mas, para esta edição, selecionamos três personagens, permitindo

uma abordagem mais aprofundada dentro do período do Trabalho de Conclusão de Curso. Optamos por mulheres que estão escrevendo a história no presente, conectando suas ações ao contexto atual, sem perder de vista a memória e as raízes desse movimento. São lideranças que atuam na interseção entre gênero e raça, transformando comunidades e fortalecendo a luta por espaço e visibilidade na sociedade amapaense.

A escolha das entrevistadas reflete a intenção de destacar trajetórias que dialogam com a construção de um Amapá mais inclusivo e representativo. São figuras atuantes no cenário atual, cujas histórias reforçam a importância de um registro documental que vá além da tradição oral e sirva como referência para as novas gerações. A websérie documental aborda um tema essencial para a população negra amapaense, contando a história de mulheres que moldam a realidade social do estado. São mães, servidoras públicas, artistas e ativistas políticas que, por meio de suas trajetórias, deixam um legado.

Optamos pelo formato audiovisual e uma produção seriada, organizando a websérie documental em 3 episódios de uma média de 10 a 15 minutos, cada. Extraímos de cada entrevista, frações de segundos e minutos que poderão circular pelas redes sociais dos acadêmicos autores e da AGCOM, engajando público na rede do Instagram, e de lá serão levados para o link da playlist completa da websérie documental, na plataforma de vídeos YouTube da Agência do curso. Com a finalidade de garantir a circulação midiática da websérie documental e maior potencial de interatividade com o público, nossa produção terá essas publicações curtas na rede social de engajamento, em formato reels, por seu grande potencial de alcance e engajamento, especialmente nas plataformas digitais.

Escolhemos o Instagram como meio de distribuição e divulgação da websérie documental porque é uma das redes sociais que mais crescem no mundo e tem grande alcance no Brasil. Em janeiro de 2024, 62% da população brasileira era usuária da plataforma (Datareportal, 2024). Além disso, o consumo de conteúdo tem passado por transformações profundas e os vídeos curtos se tornaram o formato dominante. A maioria dos usuários hoje prefere conteúdos audiovisuais a postagens estáticas, e a aba Reels concentra boa parte do engajamento no Instagram (SEBRAE, 2024).

Com o crescimento das redes sociais e das plataformas de vídeo curto, o Instagram se consolidou como espaço privilegiado para a disseminação de conteúdos audiovisuais (We Are Social, 2023). Esse formato permite que os vídeos cheguem rapidamente ao público e

preendam a atenção nos primeiros segundos, garantindo maior envolvimento. E é a partir dessa plataforma que vamos capturar o público e pelo hiperlink levá-los para a produção completa disponível na plataforma do YouTube da AGCOM. No caso do Fala Preta, a escolha do reels não é apenas uma questão de formato, mas uma estratégia para alcançar mais pessoas e furar a bolha acadêmica e política, garantindo que essas histórias cheguem a um público mais amplo.

Essa estratégia de circulação e fragmentação da narrativa em diferentes formatos reforça o caráter interativo e transmídia da produção, alinhando-se ao conceito de websérie documental multimídia que, segundo Souza (2022), integra elementos do jornalismo digital com características de mobilidade, hipertextualidade e participação ativa do público. Conforme Jenkins (2009), vivemos em uma era de convergência midiática, em que as audiências estão cada vez mais envolvidas em múltiplas plataformas, compartilhando e interagindo com os conteúdos.

O audiovisual tem um poder único de criar conexões emocionais e imersivas. Diferente do texto, que exige um processo interpretativo mais longo, a imagem e o som comunicam sentimentos e experiências de forma imediata. Arlindo Machado (2011) destaca que a força da imagem está justamente em sua capacidade de sintetizar e transmitir emoções de maneira direta, sem a necessidade de mediações complexas. No contexto da história das mulheres negras, essa característica se torna ainda mais relevante.

O audiovisual não apenas registra os fatos, mas preserva gestos, expressões e vozes com autenticidade, permitindo que essas narrativas sejam sentidas e vivenciadas de forma mais intensa. Angela Davis (2016) reforça essa ideia ao lembrar que a memória coletiva das mulheres negras tem sido sistematicamente apagada. Resgatá-la exige não só documentar eventos, mas reconstruir os afetos e emoções que permeiam essas histórias.

No Amapá, onde há uma forte tradição oral e uma ausência de registros formais sobre a trajetória da população negra, a websérie se torna um instrumento essencial para fortalecer a memória coletiva. Mais do que contar histórias, Fala Preta cria um registro audiovisual que valoriza a identidade afro-amapaense e contribui para a construção de um legado sólido sobre as lutas e conquistas das mulheres negras no movimento político de gênero e racial.

Ademais, o uso da imagem como principal elemento narrativo fortalece a emoção e a imersão do público, um fenômeno que acompanha a transição do conhecimento das letras para a imagem como meio de aprendizado na contemporaneidade. Isso amplia o potencial de

impacto do projeto, tornando-o relevante para um público mais amplo e conectado às novas dinâmicas de consumo de informação.

Dessa forma, "Fala Preta: Mulheres que Constroem o Amapá" se propõe a ser mais do que um registro histórico: é uma ferramenta de educação, representatividade e resistência. Ao reunir depoimentos de mulheres negras e trazê-los para um espaço de visibilidade, o projeto contribui para a construção de uma memória coletiva mais diversa e inclusiva, promovendo reflexões sobre o papel dessas lideranças na transformação social do Amapá.

Com isso, buscamos criar um registro documental que não apenas valorize a memória coletiva, mas também contribua para a formação de um acervo histórico acessível e envolvente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mulheres Negras e Resistência Histórica pela Inclusão

A atuação de mulheres negras na sociedade brasileira é marcada pela resistência e pela busca por igualdade, em um contexto de racismo estrutural. Desde o período colonial, elas foram submetidas a múltiplas violências, sendo desumanizadas pelo racismo e subjugadas pelo machismo. Durante a escravização elas foram exploradas tanto como força de trabalho quanto em sua dimensão corporal, sendo submetidas à violência sexual e ao trabalho doméstico compulsório.

Para Angela Davis, as mulheres negras eram submetidas tanto ao trabalho exaustivo quanto à violência sexual sistemática. O domínio sobre seus corpos não se limitava à exploração econômica, mas também à imposição da vontade dos senhores sobre sua sexualidade e reprodução.

Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro. Mas isso não significa que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras (DAVIS, 2016, p.25)

Lélia Gonzalez (1984) destaca que a mulher negra foi colocada na base da pirâmide social, relegada a trabalhos servis e à reprodução forçada da mão de obra escravizada, realidade que se perpetuou mesmo após a abolição.

Ademais, a libertação formal da população negra em 1888 não significou a inserção na sociedade em condições de igualdade. Sem acesso à educação, à moradia digna e ao mercado de trabalho formal, as mulheres negras permaneceram nas margens da sociedade, ocupando majoritariamente funções precárias, como o trabalho doméstico.

A abolição da escravatura não foi acompanhada de medidas que garantissem a inclusão dos negros na sociedade como cidadãos plenos. Ao contrário, foram lançados à própria sorte, sem acesso à terra, à educação ou a condições dignas de trabalho, perpetuando a desigualdade racial (SILVEIRA, 2009, p. 22)

A abolição da escravidão não significou a abolição do racismo, mas a transição para novas formas de exploração e segregação, demonstrando que o Brasil não promoveu políticas eficazes para reverter essa desigualdade. Em razão dos séculos que se passaram com este cenário de vida e realidade negra, falamos em racismo estrutural, pois ele fundamenta a própria construção da sociedade brasileira, desde o tempo colônia. Essa exclusão demandou das mulheres uma trajetória marcada por um duplo movimento contínuo de luta por inclusão, pois lutavam contra o racismo e contra o patriarcado, que as colocariam à margem por questões raciais e de gênero. Longa e árdua batalha, para as mulheres negras, significava acessar à educação, a representatividade política, o direito ao próprio corpo e as oportunidades igualitárias no mercado de trabalho.

Diante desse contexto, a resistência das mulheres negras se manifesta na reivindicação desses direitos e na subversão das estruturas que perpetuam sua marginalização. Sueli Carneiro (2005) sintetiza essa realidade ao afirmar que a luta das mulheres negras é uma luta por existência, uma vez que sua trajetória é atravessada por um projeto histórico de apagamento. O conceito de resistência, nesse sentido, não é apenas um ato de oposição ao sistema, mas a própria estratégia de sobrevivência diante de uma sociedade que insiste em desconsiderar suas subjetividades e contribuições (HOOKS, 2019).

Para compreender as raízes dessa exclusão e a necessidade de resistir, é fundamental recorrer à perspectiva decolonial. A colonialidade do poder, conceito desenvolvido por Aníbal Quijano (1992), revela como a estrutura de dominação colonial persiste mesmo após a independência dos países colonizados, impondo um modelo de sociedade onde a hierarquia

racial permanece intacta. No Brasil, isso se traduz na marginalização das populações negras e indígenas, que continuam sendo sistematicamente excluídas do desenvolvimento social. Esse entendimento reforça que a luta das mulheres negras não se resume à conquista de direitos individuais, mas à transformação de toda uma estrutura social excludente (DAVIS, 2016).

Essa transformação e resistência também se expressa na cultura e na arte, onde as mulheres negras reivindicam o direito de narrar suas próprias histórias, subvertendo os estereótipos racistas que lhes foram impostos. A tradição oral, presente nas comunidades negras desde os quilombos, se mantém como uma ferramenta de preservação da memória coletiva e de transmissão de saberes. Dessa forma, “a escrita afro recorrerá à memória para dela extrair a força da identidade ancestral a protagonizar as lutas do presente, que se alimenta do passado para recriá-lo, reescrevê-lo, processá-lo como elemento de luta” (FIGUEIREDO, 2009, p.66).

O fortalecimento da memória coletiva e da identidade das mulheres negras é um passo essencial nesse processo. Para Souza (2018) memória e identidade são ressignificações do passado para afirmação do presente em um processo de reavaliações, auto análise e auto reconhecimento de um povo.

Ao documentar as histórias de mulheres negras do Amapá na websérie Fala Preta: Mulheres que Constroem o Amapá, o projeto contribui para ampliar essa resistência, garantindo que suas trajetórias sejam reconhecidas e valorizadas. Registrar essas histórias significa reafirmar que a existência das mulheres negras não pode ser apagada ou reduzida à marginalidade, mas deve ser celebrada e preservada como parte essencial da construção do Brasil. O reconhecimento dessas trajetórias não apenas repara uma injustiça histórica, mas também fortalece novas gerações de mulheres negras, que seguem resistindo para garantir sua inclusão plena na sociedade.

2.2 Jornalismo Documental e Representatividade

O jornalismo documental desempenha um papel essencial na democratização da informação, ampliando as vozes tradicionalmente marginalizadas. Para Nichols (2005) o documentário jornalístico não se limita a informar, mas também interpreta e reconstrói significados a partir das experiências dos entrevistados, tornando-se uma ferramenta poderosa para narrativas que não têm espaço na mídia tradicional. Morin (1973) defende o caráter crítico do documentário como meio para provocar reflexões profundas no espectador,

levando-o a compreender melhor as contradições da sociedade. Essa perspectiva valoriza o potencial transformador e crítico do jornalismo documental.

A representatividade, neste contexto, é um conceito central e refere-se à capacidade dos meios de comunicação retratar de forma justa e plural as diversas realidades sociais, especialmente as daqueles grupos historicamente sub-representados. Hall (2016) destaca que representações na mídia são mais do que meras imagens; elas moldam percepções sociais e influenciam diretamente as relações de poder existentes na sociedade. Portanto, representações justas e plurais são fundamentais para a transformação social.

A ausência de representatividade nas narrativas dominantes têm efeitos profundos sobre a percepção social de grupos marginalizados. Ribeiro (2018, p.118) destaca que “fica evidente que não há interesse em nos representar tal qual somos. Parecemos um incômodo, e as poucas vozes negras de destaque são maquiadas, interrompidas ou roteirizadas a fim de amenizar nossa realidade”.

Desta maneira, o jornalismo documental atua na quebra desse ciclo ao garantir espaço às vozes antes silenciadas. Medina (2011) ressalta a importância da entrevista no jornalismo documental como método que vai além da coleta de informações, proporcionando diálogo, interação e protagonismo ao entrevistado, conferindo humanização e autenticidade à narrativa. Essa perspectiva é especialmente relevante para retratar as vivências das mulheres negras, permitindo uma representação mais justa e verdadeira.

Tal abordagem promove representatividade real e transformadora, essencial para narrativas sobre mulheres negras. “O desafio é olhar para além das representações que simplesmente colocam o negro como vítima e procurar imagens que retratem o poder, a resistência, a criatividade e a complexidade da experiência negra.” (HOOKS, 2019, p. 89) Documentários com essa abordagem empoderam comunidades sub representadas, permitindo que se vejam como agentes ativos e influentes em sua própria história.

É importante salientar também a contribuição de Bill Nichols (2005) sobre as modalidades documentais, destacando que a escolha do estilo documental impacta diretamente a forma como as representações são percebidas pelo público. Documentários participativos e reflexivos, por exemplo, enfatizam a interação direta entre realizadores e sujeitos, fortalecendo ainda mais a representatividade e autenticidade das histórias contadas.

Nesse sentido, o jornalismo documental não apenas documenta, mas promove transformação social ao ampliar a representatividade das mulheres negras e outros grupos sub-representados, fortalecendo identidades e impulsionando mudanças concretas nas estruturas sociais.

2.3 Websérie para Redes Sociais para Memória Coletiva

A websérie documental é, para nós, uma forma de produção audiovisual jornalística nativa digital, com narrativa seriada, multiformato e com potencial de interatividade, voltada à valorização de trajetórias sociais por meio de uma estética narrativa conectada às plataformas digitais. Inspiramo-nos nas definições propostas por Souza (2022), que entende a websérie documental como uma produção que herda elementos do documentário televisivo, mas se reinventa no ambiente digital ao incorporar multimídia, hipertextualidade, participação do público e autonomia narrativa.

O Fala Preta é uma websérie documental pensada para o YouTube mas que atravessa outras redes sociais, como o Instagram que tem uma maior interatividade e dinamicidade de conteúdo, por isso o formato é resultado de uma reconfiguração do jornalismo audiovisual, em resposta à convergência midiática e à cultura participativa (Jenkins, 2009).

Nesse sentido, o formato adotado na nossa produção busca refletir essa lógica contemporânea de produção jornalística, combinando recursos audiovisuais com estratégias de engajamento e difusão digital. A linguagem acessível, recortes para Reels e veiculação em canais de alto alcance (Instagram, YouTube) visa ampliar o acesso e a memória coletiva sobre as histórias das mulheres negras no Amapá.

E quando pensamos em memória, estamos falando segundo Pollak (1992) de acontecimentos individuais das entrevistadas e coletivos para a história de um povo. O autor explica ainda, que dentre as características da memória, existem marcos invariantes:

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas

isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLAK, 1992, p. 201)

E é ouvindo e criando narrativas através das memórias das mulheres que o jornalismo se adapta para o meio digital. A websérie documental surge como um formato que combina jornalismo, webjornalismo, produção audiovisual e principalmente o resgate das memórias integrando recursos como multimídia, hiperlinks e interatividade (Oliveira & Cruz, 2021).

Com a narrativa da memória contada pelas mulheres, a websérie documental tem como objetivo de se adaptar ao público digital Cannito (2010), empregando uma estética dinâmica para capturar e manter a atenção dos espectadores nas plataformas digitais, onde a competição por visibilidade é intensa. Essa estratégia atende ao princípio da circulação midiática e amplia o consumo da produção jornalística em ambientes digitais.

Complementando essa visão, Machado (2011) observa que o documentário digital amplia a participação do público, permitindo que diferentes vozes sejam ouvidas, discutidas e ressignificadas no espaço virtual. Esse potencial participativo do documentário digital é particularmente relevante para populações cuja história é tradicionalmente transmitida oralmente, como é o caso das comunidades negras no Amapá. A ausência de registros formais torna essencial a utilização de ferramentas audiovisuais para preservar e difundir essas narrativas.

Henry Jenkins (2009) reforça que as plataformas digitais oferecem uma oportunidade singular para a construção coletiva e participativa de narrativas sociais e culturais. As redes sociais, segundo ele, promovem diálogo, reflexão crítica e interações horizontais entre produtores e consumidores de conteúdo, o que fortalece a dimensão educativa e cidadã do jornalismo audiovisual.

Assim, ao utilizar estrategicamente plataformas como YouTube e Instagram, a websérie Fala Preta potencializa sua capacidade de alcance, memória e impacto. O projeto assume um papel informativo, educativo e transformador, promovendo a valorização da identidade negra amapaense e contribuindo para a preservação da memória coletiva.

Por fim, Cannito (2010) aponta que a comunicação audiovisual nas redes sociais é uma estratégia eficaz para garantir visibilidade e permanência das histórias, especialmente

daquelas sistematicamente apagadas dos registros oficiais. A websérie documental se consolida, portanto, como um instrumento de fortalecimento da memória, da representatividade e da justiça histórica.

3. METODOLOGIA

Com o objetivo de desenvolver uma websérie documental que retrata as trajetórias de mulheres negras amapaenses, buscando dar visibilidade e protagonismo às suas histórias pessoais, culturais e políticas, o presente trabalho adotou a pesquisa exploratória. Segundo Gil (2008), essa abordagem é útil para esclarecer, desenvolver ou até modificar conceitos e serve como primeira etapa de uma investigação mais ampla. Ele afirma:

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p.27)

Para complementar a pesquisa exploratória, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica, com apoio de entrevistas em profundidade, análise documental das entrevistas anteriores do Fala Preta e produção audiovisual adaptada às plataformas digitais.

3.1 Pesquisa Bibliográfica

O levantamento bibliográfico considerou tudo que já foi publicado sobre o tema, neste caso, a história e o apagamento da memória coletiva das mulheres negras. A bibliografia teve como objetivo “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.183), evitando repetições e permitindo uma nova abordagem.

Para fazer a pesquisa bibliográfica primeiro foi necessário buscar autoras que abordam a resistência das mulheres negras na sociedade como um todo, mas principalmente o recorte brasileiro, visto que no Amapá temos poucas documentações que abordam a memória das mulheres negras amapaenses. Dessa forma utilizamos obras que destacam mulheres a partir de escritoras feministas e antirracistas negras como Angela Davis, Bell Hooks, Sueli Carneiro,

Djamila Ribeiro e outras mulheres que contribuem para não ter o apagamento histórico de uma raça.

Além do recorte de raça e gênero, foi necessário aprofundar o estudo sobre o jornalismo documental para destacar a importância de documentar essas mulheres no Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, o trabalho se debruçou sobre as definições de webdocumentário e sobre a construção da memória, tanto coletiva quanto individual das mulheres negras, abordando quem são e o que representam para o Amapá. Ademais, a pesquisa adotou o método qualitativo, por meio de entrevistas e das histórias de vida dessas mulheres (MARTINO, 2018).

Complementarmente, foram analisadas webséries disponíveis no YouTube, Instagram com o objetivo de identificar tendências estéticas, narrativas e estratégias de engajamento contemporâneas. As edições anteriores do Fala Preta foram a principal referência prática.

3.2 Entrevistas em Profundidade

A entrevista em profundidade foi central no processo metodológico. Segundo Medina (2011, p.7), “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.”

Para construir a websérie documental, foram realizadas três entrevistas com as mulheres escolhidas para esta temporada da série: Maria das Dores do Rosário Almeida (Durica), Esmeraldina dos Santos e Alzira Nogueira. As perguntas base eram semelhantes entre si, todas voltadas para explorar as memórias que essas mulheres possuem sobre si mesmas em relação ao território, seja na infância, na vida cultural e social ou na atuação política, tanto comunitária quanto partidária. Também foram abordadas reflexões sobre o legado que cada uma acredita já ter deixado para o Amapá.

A primeira entrevistada foi Maria das Dores do Rosário Almeida, mais conhecida como Durica, mulher negra e amapaense, cujas origens familiares são da Vila do Carmo do Macacoari, no município de Itaubal. Ela é uma das pioneiras na luta das mulheres negras no Amapá e no Norte do Brasil, sendo cofundadora do Instituto de Mulheres Negras do Amapá (IMENA), além de integrante e militante da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB).

Durica, além de atuar na defesa e luta das mulheres negras nos espaços de poder, também contribuiu significativamente para a preservação da memória do seu povo. É autora do livro *A promessa que virou a Festa de São Sebastião do Carmo do Macacoari*, que aborda a fé da comunidade e as histórias da vila onde cresceu. Em sua tese de mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais, pela Universidade de Brasília (UnB), Durica resgatou as memórias das mulheres da Vila do Carmo, escrevendo sobre o território a partir do olhar feminino.

A nossa entrevista com Durica foi realizada no dia 4 de abril de 2025, em sua residência, local escolhido por ela para compartilhar sua trajetória de vida. O roteiro de perguntas (Apêndice D) foi seguido com adaptações, pois, ao longo da conversa, algumas respostas foram integradas a outras. Conforme a entrevista avançava, novas perguntas surgiam de forma espontânea, sempre alinhadas ao contexto geral proposto pela terceira edição do Fala Preta.

A segunda entrevistada foi Esmeraldina dos Santos, mulher negra que cresceu no Quilombo do Curiaú, comunidade onde sua família criou raízes e vive até hoje, preservando as tradições negras na Maloca da Tia Chiquinha. Este espaço é um símbolo de pertencimento e de transmissão dos conhecimentos ancestrais deixados por sua mãe, Tia Chiquinha. Dona Esmeraldina tem 70 anos, é formada em Pedagogia pela Faculdade Atual e atualmente é mestranda na Universidade Federal do Amapá, onde dedica sua tese à própria vida e à história do seu quilombo. Também é escritora, com seis livros infantis publicados que narram a história e as culturas do seu povo, como o Marabaixo.

As perguntas norteadoras (Apêndice D) da entrevista com Esmeraldina seguiram o mesmo padrão utilizado com Durica: explorar quem ela é e as memórias que possui em relação ao território em que vive. A entrevista foi realizada no dia 5 de abril, na Maloca da Tia Chiquinha, no Quilombo do Curiaú, local escolhido pela própria entrevistada.

A última entrevistada foi Alzira Nogueira, mulher negra, natural do Maranhão, que se mudou para o Amapá ainda jovem e encontrou, aqui, oportunidades de estudo que contribuíram para sua formação. Alzira é assistente social, mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, ativista social, militante dos movimentos estudantil, negro e

feminista, além de representante estadual da Central Única das Favelas (CUFA) no Amapá e presidente do Conselho Estadual dos Direitos das Mulheres do Amapá (CEDIMAP).

A entrevista com Alzira foi realizada no dia 9 de abril. Inicialmente, estava prevista para acontecer na sede da CUFA, mas, como ela ainda se encontrava no Ministério Público no horário agendado, deslocamo-nos até seu gabinete, onde a gravação foi realizada. Assim como nas demais entrevistas, o foco foi compreender quem é Alzira Nogueira e qual sua contribuição para a sociedade amapaense. Embora o roteiro de perguntas (Apêndice D) tenha servido como guia, a conversa seguiu de forma fluida, com adaptações e novas perguntas que surgiram conforme o diálogo se desenvolvia.

Todas as entrevistas foram conduzidas de forma sensível, respeitando o tempo e a espontaneidade das entrevistadas. Nosso objetivo foi criar um ambiente acolhedor para que elas se sentissem livres para compartilhar suas histórias. Por isso, os roteiros não foram seguidos à risca. Como define Nilson Lage (2011), essa abordagem caracteriza-se como entrevista em profundidade, em que o foco é o entrevistado e sua visão de mundo a partir das próprias vivências.

A escolha dessas mulheres partiu do desejo de construir um trabalho que registrasse a contribuição de lideranças negras que transformam o Amapá e continuam ativamente nessa missão. Todas elas carregam um legado, seja na cultura, nos movimentos sociais ou na política institucional, e acreditávamos que suas histórias resultariam em um excelente Fala Preta. Além disso, essa escolha foi movida pela admiração que temos por essas mulheres e pelo desejo de contribuir para a preservação da memória individual e coletiva delas e dos contextos nos quais estão inseridas.

3.3 Produção Audiovisual e Recursos Técnicos

Para a captação de todo o material, os registros foram feitos com smartphones de alta resolução. A câmera principal, equipada com microfones de lapela Boyalink Wireless Dual (preto) — foi um iPhone 15 Pro Max de 256 GB. Utilizamos também um iPhone 14 Pro de 64 GB como câmera secundária, operada por Vinícius, que ficou responsável pelas gravações, enquanto Brunna conduzia as entrevistas. A captação contou ainda com iluminadores LED portáteis e dois tripés genéricos.

A ideia de utilizar duas câmeras era garantir dinamicidade na edição, variando os ângulos. Em alguns momentos, a câmera secundária foi usada para close-ups, aproximando o público da fala da entrevistada; em outros, foram feitos planos abertos para mostrar a relação entre entrevistadora e entrevistada. Afinal, a posição da câmera, seu ritmo e movimentos influenciam na criação de empatia, tensão ou proximidade com o espectador (NICHOLS, 2005).

Além da gravação das entrevistas, também produzimos uma vinheta de abertura para os três episódios. Essa gravação foi feita no Quilombo do Curiaú, com Brunna saudando as entrevistadas e o público. Para essa captação, contamos com o apoio do operador de drone Camilo Panzera, que utilizou o modelo DJI Mavic Air 2 para realizar as imagens aéreas. Já os trechos em que foi necessário dublar o áudio contaram com o microfone Hollyland Lark M2s. A vinheta também traz como trilha oficial a música da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do samba-enredo de 2019: *História Para Ninar Gente Grande*.

Após a captação de todo o material audiovisual, iniciamos o processo de edição. Embora Durica tenha sido a primeira entrevistada, começamos a decupagem e o recorte das falas com a dona Esmeraldina dos Santos, que protagoniza o primeiro episódio. Os cortes iniciais foram feitos no aplicativo CapCut, na versão para computador, por facilitar o trabalho em dupla. Depois, os vídeos foram transferidos para o celular e todo o restante da edição foi feito na versão mobile — método adotado nos três episódios.

As entrevistas ficaram com duração entre 10 e 15 minutos, conforme planejado para a websérie documental. O processo de corte foi feito antes da elaboração dos roteiros de vídeo (Apêndice D), pois preferimos assistir a todo o conteúdo primeiro e decidir juntos o que fazia sentido para contar uma história coerente dentro do tempo previsto. Após essa seleção, assistimos novamente aos vídeos e passamos a roteirizar: definimos onde entrariam os offs, caixas de texto, quais imagens seriam necessárias para ilustrar as falas, e só então finalizamos os roteiros. A escolha das trilhas musicais foi a última etapa, pois queríamos algo único para cada mulher entrevistada. Optamos por músicas regionais e por trilhas compostas por artistas nacionais e, sobretudo, locais. Todas foram devidamente creditadas na ficha técnica de cada episódio (Apêndice D).

Além das nossas imagens autorais, contamos com a colaboração de colegas da comunicação, que cederam materiais visuais: Grito Propaganda, Central de Comunicação, o

cinematista Ronaldo Brito, o fotógrafo Jorge Júnior, imagens de drone de Wesley Abreu e Otávio Neto, além de conteúdos da Secretaria de Estado da Comunicação, do Instituto de Mulheres Negras do Amapá e de amigos próximos como Irlan Paixão e Rafael Serra. Também utilizamos arquivos pessoais cedidos pelas entrevistadas e extraídos de suas redes sociais, bem como imagens de domínio público, como da escritora Conceição Evaristo e registros de favelas na Amazônia. Outro recurso midiático foi uma entrevista da Esmeraldina para a TV Senado, retirada do canal oficial da TV Senado no YouTube.

A construção da edição foi um processo desafiador, sobretudo pela dificuldade em obter imagens de acervo das entrevistadas, o que exigiu recorrer a diversas fontes de apoio para complementar o material midiático.

A identidade visual da websérie foi criada pelo designer e ilustrador Hugo Farias. Compartilhamos com ele a essência do projeto Fala Preta, bem como o perfil das entrevistadas, e ele desenvolveu a logo, as caixas de texto, os elementos visuais e as capas dos episódios (Anexo A).

As cores escolhidas foram quentes como laranja, amarelo, roxo, verde e vermelho que também estiveram presentes em edições anteriores do Fala Preta e representam visualmente a Amazônia. Utilizamos também tons terrosos, que evocam a sensação de conexão com o solo amapaense. A ilustração desenvolvida por Hugo traz elementos simbólicos: a semente da samaúma, inspirada em um relato da Durica; flores de gengibre, remetendo à cultura da gengibirra; caixas de marabaixo, representando as raízes da dona Esmeraldina; e o cabelo curto, que, embora presente nas três entrevistadas, foi pensado especialmente como representação visual de Alzira Nogueira. A Fortaleza de São José e o barco simbolizam o Amapá como um todo.

A estética da ilustração foi pensada para transmitir leveza, com traços que lembram giz, evocando uma sensação artesanal, como as peças de louça e barro tradicionalmente feitas por mulheres no Amapá.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final consiste na websérie documental *Fala Preta: Mulheres que Constroem o Amapá*, composta por três episódios com duração média de 12 minutos cada, publicada no canal da Agência Experimental de Comunicação da Universidade Federal do Amapá (AGCOM/UNIFAP) no YouTube.

Todos os episódios têm em comum a mesma vinheta: uma abertura com uma fala marcante da entrevistada daquele episódio, seguida de um vídeo curto mostrando as três mulheres participantes do *Fala Preta*, e, na sequência, a entrada da Brunna saudando as entrevistadas e o público. Nessa vinheta já aparece a identidade visual do projeto, idealizada e realizada por Hugo Farias. A logo do projeto surge na tela logo após a fala de Brunna, crescendo em destaque.

Cada episódio é estruturado a partir de entrevistas em profundidade, diálogos espontâneos e elementos visuais multimídia, como imagens de arquivo, caixas de texto com palavras e conceitos-chave explicativos, textos descritivos e músicas relacionadas ao tema. As narrativas são complementadas por uma narração em tom humanizado e autêntico, realizada por Brunna Silva, o que reforça a sensibilidade das histórias contadas.

Para garantir ampla divulgação do trabalho, disponível no YouTube, foram produzidos cortes curtos, teasers e pílulas em formato vertical (9:16), publicados no Instagram, YouTube e Reels da AGCOM e dos autores. O objetivo dessa estratégia é atrair o público das redes sociais para o conteúdo completo disponível na plataforma do YouTube.

4.1 Síntese dos Episódios

Ao planejar a construção da websérie *Fala Preta*, tivemos o cuidado de dar um sentido à ordem dos episódios considerando, por exemplo, quem seria a primeira entrevistada e quem encerraria a série. Durante o desenvolvimento do trabalho, percebemos que iniciar com a mulher mais velha e suas memórias teria um valor simbólico importante: abrir os caminhos para as mais jovens.

Assim, o primeiro episódio apresenta dona Esmeraldina dos Santos; o segundo, Durica; e o terceiro e último episódio é protagonizado por Alzira Nogueira, encerrando o projeto com sua trajetória política e social.

Episódio 1 – Esmeraldina Santos

O primeiro episódio (Apêndice A) tem como entrevistada a dona Esmeraldina dos Santos, mulher negra, amapaense, que nasceu no Bairro do Laguinho, mas firmou suas raízes no Quilombo do Curiaú. O episódio começa com dona Esmeraldina contando como sua família foi formada, a partir do minuto 0:31, narrando sobre seus ancestrais até o minuto 1:32, quando fala sobre seu nascimento no bairro do Laguinho.

Durante o episódio, inserimos caixas de texto para explicar e situar o telespectador em relação a pessoas, assuntos, locais ou momentos. Por exemplo, no minuto 1:13, há uma caixa explicando o que é o Laguinho; mais adiante, no minuto 3:04, explicamos o que é o “ladão de marabaixo”.

A edição do episódio foi pensada para refletir a história que representa a mulher que Esmeraldina é. Por isso, a narrativa inicia com ela contando quem é e, em seguida, falando sobre o lugar onde cresceu e permanece: o Quilombo do Curiaú. Ao mencionar o Curiaú, ela começa a relatar a história do local por meio da cultura, momento que se inicia no minuto 2:10. Para fazer essa transição, inserimos um off contextualizando as culturas presentes nesse território.

Em seguida, passamos pelo bloco sobre educação. Considerando suas raízes profundas, iniciamos esse tema pela educação recebida em casa, a educação ancestral, até chegar à educação acadêmica, no minuto 4:50.

Para dar continuidade ao tema da educação, ampliando para a escrita e a produção intelectual da entrevistada, o bloco seguinte trata de Esmeraldina como escritora. A transição foi feita a partir da fala dela no minuto 5:04, em que cita o conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo, e menciona livros que a inspiram, o que nos levou naturalmente à abordagem de suas próprias obras.

Após um off contextualizando esse momento, ela começa a falar sobre seus livros e inspirações, a partir do minuto 5:30. Como seus livros abordam o Marabaixo e o lugar onde vive, a entrevistada retoma suas raízes e volta a refletir sobre o poder transformador da educação. Como havia mencionado anteriormente que seus saberes ancestrais foram aprendidos com sua mãe, Tia Chiquinha, perguntei como é manter viva a tradição da Maloca da Tia Chiquinha. Ela respondeu que considera esse espaço uma herança.

À medida que a entrevista se aproxima do fim, abordamos um marco significativo em sua trajetória: os frutos que colheu por sua contribuição à cultura, à literatura e à educação no Amapá. Um desses marcos é sua atuação como membro do Conselho Editorial do Senado Federal. Esse tema entra no episódio no minuto 8:38, com um off contextualizando esse momento, seguido por uma fala dela e um vídeo extraído do canal oficial da TV Senado, em que Esmeraldina é entrevistada.

Por fim, chegamos à última parte da entrevista, no minuto 9:05, que se concentra em como ela se sente por ser quem é, uma mulher quilombola, e em suas mensagens para sua comunidade e para quem está assistindo ao *Fala Preta*.

Episódio 2 – Maria das Dores do Rosário Almeida (Durica)

O segundo episódio traz Durica (Apêndice B), mulher negra que viveu sua infância entre o bairro do Laguinho e a Vila do Carmo do Macacoari. É pesquisadora comunitária e, em sua tese de mestrado, resguardou as memórias das mulheres do Macacoari. Durica tem participação na militância na luta pelas mulheres negras desde jovem. Iniciou sua vida militante na União dos Negros do Amapá, com sua irmã mais velha, e, logo depois, junto de outras mulheres, fundou o primeiro movimento de mulheres negras da Amazônia: o IMENA (Instituto de Mulheres Negras do Amapá).

Durica inicia o episódio rememorando sua infância. No minuto 00:30, ela nos conta como foi crescer entre o Laguinho e o Carmo. Nessa trajetória, relembra algo que sente ter sido primordial para o empoderamento como mulher negra naquela época: carregar o pavilhão da escola de samba Piratas Estilizados, no minuto 01:45.

E, quando a Durica fala desse empoderamento, ela começa a lembrar de outros marcos na sua vida como mulher — e ter uma vida militante está presente. Então, a entrevista se volta para entender o que a moldou e a tornou essa mulher de destaque. No minuto 02:17,

colocamos um off para transicionar esse momento, falando da formação da Durica e do início da sua trajetória política.

Durica nos conta, no minuto 02:28, sobre seu primeiro movimento organizado e estudantil. Ela relembra que foi estudar no Rio de Janeiro e, lá, junto de outros amapaenses, criou uma associação dos amapaenses na capital. E, quando ela volta para o Amapá, tem a oportunidade de participar da União dos Negros do Amapá, pois sua irmã mais velha, Maria Luiza, foi uma das fundadoras.

A entrevista se conduz para um momento que nós esperávamos: falar da formação do IMENA e onde ele estava situado. Então, Durica nos conta, a partir do minuto 03:06, como a organização de mulheres negras foi fundada. Depois desse momento, passamos para o segundo bloco da entrevista, que era falar de educação — da formação acadêmica dela.

No minuto 04:38, ela começa a contar como foi passar por um mestrado em outro território, para falar do seu lugar de partida. Durante esse processo, Durica também conta sobre se tornar uma referência para outros professores e acadêmicos, e se mostra honrada por ser essa mulher que criou conceitos e que é escritora.

E, assim, no minuto 06:57, a gente fala sobre o livro que ela publicou sobre a Festa de São Sebastião no Carmo do Macacoari e sobre como o seu conceito “Colhepé” dialoga com esse território. Depois de falar da trajetória consolidada da entrevistada, falamos sobre como ainda é presente o racismo velado na sociedade e como é enfrentá-lo todos os dias, a partir do minuto 08:50.

Depois que Durica conta sobre suas vivências, partimos para a reta final da entrevista. Voltamos a falar sobre as memórias, para dizer que ela também fará parte dessa memória um dia.

Episódio 3 – Alzira Nogueira

O terceiro episódio apresenta Alzira Nogueira (Apêndice C), liderança nos movimentos sociais da Amazônia, ativista antirracista e defensora dos direitos humanos de mulheres e meninas. O episódio dela começa contando como foi chegar no Amapá. Alzira é natural do Maranhão, mas veio muito nova para o Amapá, e foi aqui que se tornou a mulher que é hoje. Alzira lembra que, apesar de ser de outro estado, o encontro com esse território foi

muito bonito, por conseguir se enxergar nesse território negro. Ela nos conta isso no minuto 01:08.

Quando Alzira lembra dessa formação enquanto mulher no Amapá, ela recorda que esse também sempre foi um espaço de estar dentro da organização social. Então, ela fala sobre o racismo e de como isso era velado quando ela era jovem, e que só entendeu o que vivenciava quando estava na faculdade. Ela rememora isso no minuto 02:06 e termina esse momento falando que a organização política coletiva é um processo.

Nesse momento, encaminhamos a entrevista para falar desse processo e lembrar que Alzira estava junto da Durica na formação do IMENA. E então, ela nos conta do seu propósito de vida, a organização política das mulheres, no minuto 03:29, que culminou nessa força coletiva que hoje é essa organização de mulheres negras amapaenses.

Alzira é conhecida pela sua política afetiva e, após falar do movimento de mulheres negras, nos conta o porquê é necessário levantar a pauta do afeto para as pessoas negras. E diz como isso mudou a vida de pessoas com o trabalho da CUFA (Central Única das Favelas) na pandemia.

A entrevista com Alzira se manteve por bastante tempo na seara política, e ela mostra por diversas vezes o quanto esses espaços são excludentes para mulheres negras. Ela cita isso no minuto 08:30, quando fala sobre as mulheres negras serem alegóricas nesse local político. E, adiante, Alzira fala sobre a política ser esse território inóspito para as mulheres negras, no minuto 09:56.

Mas, apesar de ela estar cansada desse local, Alzira conta também que não vai parar de lutar para que as mais novas ocupem lugares de poder e que vê, nas feministas negras amapaenses jovens, muita garra, e que acredita nessa nova juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto experimental *Fala Preta: Mulheres que Constroem o Amapá* nasce da nossa inquietação diante do silenciamento histórico das vozes de mulheres negras no estado. Ao longo do percurso, percebemos que o Trabalho de Conclusão de Curso pode, e deve, ser mais do que uma exigência acadêmica: é uma ferramenta de transformação social, especialmente quando guiado pelo compromisso ético do jornalismo.

Inicialmente concebido como uma produção para o Instagram, com episódios curtos, o projeto foi reformulado à medida que as entrevistas foram se delineando. As histórias das três entrevistadas — Esmeraldina, Durica e Alzira — exigiam tempo, profundidade e sensibilidade. Por isso, optamos por um formato que permitisse escuta, pausa e contexto: uma websérie no YouTube, com episódios entre 10 e 15 minutos. Essa escolha não apenas ampliou a complexidade da narrativa, como também reafirmou nosso compromisso com o jornalismo documental enquanto espaço de memória e justiça simbólica.

Durante o processo, enfrentamos desafios técnicos e editoriais; a decupagem delicada das entrevistas ao esforço de conectar vozes, imagens e sons em uma narrativa coerente. Foi nesse processo que amadurecemos enquanto jornalistas. Aprendemos a escutar com profundidade, a editar com responsabilidade e a tomar decisões editoriais com ética e sensibilidade.

Ir a campo, ouvir essas mulheres, registrar suas memórias e transformar isso em linguagem jornalística nos deu a certeza de que a memória é uma ferramenta de transformação. O jornalismo tem o poder de dar visibilidade a histórias que costumam ser invisibilizadas, especialmente quando falamos de mulheres negras no Amapá. Aprendemos que contar essas histórias é também um ato político e uma responsabilidade social.

Ao registrar as trajetórias dessas mulheres, contribuimos para a construção de um acervo de memória coletiva negra no Amapá. Também entendemos que o jornalismo pode ser agente de visibilidade e pertencimento, especialmente em contextos marcados pelo apagamento histórico. O projeto deixa sua contribuição não apenas à Universidade, mas à sociedade amapaense, ao trazer à tona vozes que transformam o presente e projetam futuros possíveis. Esperamos que *Fala Preta* continue inspirando novos trabalhos, dentro e fora da academia, e que se consolide como um espaço permanente de registro, afeto e resistência.

Reconhecemos que há poucas produções independentes com essa relevância social e acadêmica no Amapá, ainda mais com foco na valorização da população negra. Ter esse projeto disponível no canal do YouTube da AGCOM amplia o seu alcance e garante que ele continue acessível às novas gerações.

Nosso maior desejo é que o *Fala Preta* não termine aqui. Que essa terceira edição inspire outros acadêmicos e acadêmicas a continuarem esse legado, que o projeto concorra a editais e ganhe ainda mais força ao longo dos anos. A premissa sempre foi ecoar vozes que historicamente foram silenciadas e sentimos que, com este trabalho, cumprimos essa missão.

Fala Preta!

REFERÊNCIAS

- CANNITO, Paulo. **Narrativas audiovisuais para redes sociais**. São Paulo: Senac, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. In: _____. *Ensaio*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- DATAREPORTAL. *Digital 2024: Brazil*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 7 mai. 2025.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos cadernos negros: autoria e representações**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2011.
- MACHADO, Arlindo. **Documentário e experiência sensível**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2011.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas ciências sociais, na rádio e televisão**. In: _____. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Dênis de; CRUZ, Ligia. **Webjornalismo e narrativas em plataformas digitais: novas possibilidades para a produção documental**. *Revista Comunicação e Sociedade*, v. 43, 2021.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEBRAE. **Relatório de tendências digitais para pequenos negócios 2024**. Brasília: SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVEIRA, Marta. **O movimento social negro: da contestação às políticas de ações afirmativas e a implicação para aplicação da Lei Federal 10.639/03 – o caso da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria-RS**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Grace Kelly Silva Sobral. **Mulheres negras: memórias da trajetória de luta e resistência dos movimentos de mulheres negras do Maranhão a partir do “Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa”**. *Kwanissa*, São Luís, v. 1, n. 1, p. 154–172, jan./jun. 2018.

SOUZA, Jéssica. **Websérie documental multimídia: narrativas audiovisuais na cultura digital**. *Revista Latino-Americana de Jornalismo – ÂNCORA*, v. 9, n. 2, 2022.

WE ARE SOCIAL. *Digital 2023: Brazil Report*. Londres: We Are Social, 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

APÊNDICE – A

Link para Websérie Documental episódio 1, Esmeraldina dos Santos: [Fala Preta, Esmeraldina dos Santos](#)

APÊNDICE – B

Link para Websérie Documental episódio 2, Durica Almeida: [Fala Preta, Durica](#)

APÊNDICE – C

Link para Websérie Documental episódio 3, Alzira Nogueira: [Fala Preta, Alzira Nogueira](#)

APÊNDICE – D

Roteiros e Fichas Técnicas dos vídeos: **▶ ROTEIROS E FICHAS TÉCNICAS**

APÊNDICE - E

Vídeos para Reels: [REELS](#)

ANEXO - A

Identidade Visual: [Identidade Visual](#)